

o poeta, ou como a teoria contorna a catástrofe

Ruy Narval*

1- a braços com a sombra

I- noite

o homem que atravessa a penumbra
com um ramo de cravos vermelhos entre os braços
(junto ao peito) sucumbe ao peso da sombra
nas extremidades da memória, onde a veia
abdica do prazer do sangue, do sangue que pulsa,
cravo na boca:
cravo na boca
os nomes atados às veias do pescoço,
é como se a palavra latejasse entre as noites atravessando os muros
e as casas, dentro das quais um corpo é um facho de luzes atadas aos ossos,
um ramo de relâmpagos sobre o mar
mas, se um corpo fala, a sombra
comprime-se nas artérias do tímpano
e os cravos sobem subitamente no deleite
da luz enredada na fala de quem acende lâmpadas na cegueira
do homem que derrama cravos sobre os coração das águas
esse homem sabe que a noite há-de incendiar-lhe o coração
e a voz, a partir do tornozelo, através do qual o sangue escorre
para uma memória de raízes na lentidão da terra

II- travessia

esse homem que comprime os cravos
rente ao peito, já não fala, cruza tesouras sobre onde o lume crepita
e recita lentamente os cânticos demoníacos, e
debruça-se depois sobre a fronte aberta dos cravos
e saboreia o gosto do deleite,
enquanto crava os cravos/nomes no coração
depois, cruza facas sobre onde o sangue escorre. e pára. no ponto
onde as noites se cruzam, e imagina
uma mulher de mãos cruzadas uma sobre a outra
a olhar os incêndios devastando as paisagens (imaginárias)
esse homem que atravessa a penumbra para onde um corpo
é um incêndio de espelhos, (esse homem)
sabe a lira na combustão da carne (sabe)
onde o dedo que acorda os objectos se acende
no pleno fulcro das noites, e fala como se soubesse
o verbo destinado à brancura, ao timbre
das mãos manipulando uma tesoura sobre os lábios:
o delta dos cravos - se falassem
a origem de todos os nomes num só

III- verbo

mas o verbo é tão só um nome
que brilha entre as noites,
e, de extremidade a extremidade,
um leito de cravos em chamas:
um corpo que é um sopro
sibilando entre a penumbra das noites
e a doçura dos venenos
um corpo (que é um homem)
que quer a luz que cega, um corpo que atravessa
o verbo inteiro desde o orifício do tímpano
até ao deleite da pupila, passando pelo cravo alpestre do pulso,
onde o sangue martela as imagens (que endoidecem),
de onde brota a linha através da qual corre a seiva do coração;
o poema é (o) cravo sibilando através da veia incendiada,
ou o sopro vibrando no tear de liras da memória (do homem),
que se entrega ao lento olvido da imagem no delírio da linha,
na obsessão da figura (escrita) circunscrevendo as noites e os dias
em redor da cabeça lírica: a clareira de cravos do poema,
o sangue flanqueado pelo sopro nas extremidades da memória,
ígneas,
quando, lentamente, se ouve alguém dizer subitamente
«eu estou morto»
enquanto alguém continua c(r)avando os nomes
no deleite da carne lida até ao coração

gramma

a mão, essa que apenas se toca a si mesma,
essa que exalta os ritos
e opera a nevrálgica ascese vertebral das camélias

a mão essa grama de ar
deslocada no sopro

essa mão que constrange os girassóis e as crianças
ao exílio dos espelhos
e as paisagens ao onanismo do olhar

de quem desvia os olhos para ver

*Vencedor do 1º Prémio de Poesia do Concurso Nacional Aveiro Jovem Criador 2007 com “*O olhar, o verbo, o espaço*”. Vencedor da Edição 06/07 do Concurso Literário Lisboa à Letra. Seleccionado para a Mostra Jovens Criadores 2008 e participação na Antologia “*Jovens Escritores 2008*” do Clube Português de Artes e Ideias. Prepara actualmente para publicação um livro de poesia na Cosmorama Edições. Participou em revistas de alunos de Design da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa,

